

"Frida"

Imaginário libertado da pintura

IMAGINEMOS algo assim como se para contar a história de uma pintora o cinema reduzisse todas as suas possibilidades de se expressar através de imagens e sons em movimento às possibilidades mais simples (nem sei se podemos dizer assim, possibilidades mais simples) de uma pintura. Imaginemos o cinema feito só de imagens, um cinema em que a função da câmera quase que se limita a imitar o movimento que naturalmente o olho de um espectador faz diante de um quadro: entra mesmo na paisagem do quadro, passeia por dentro dela. Imaginemos estas coisas e chegaremos perto deste filme que Paul Leduc (conhecido do espectador brasileiro por *Reed: México Insurgente*) fez sobre a pintora mexicana Frida Kahlo Rivera, mulher do

JORNAL DO BRASIL

pintor Diego Rivera, pintora como o marido; como o marido, lutadora em defesa das questões populares; como o marido, amiga de Trotsky enquanto ele viveu no México.

Imaginemos um filme sobre a pintura (e a vida) de Frida influenciado pela pintura não apenas naquilo que uma grande parte dos filmes costuma apanhar da pintura, mas com a pintura dando a base para a construção dramática. As cenas são armadas diante da câmera como uma pintura viva, os personagens falam pouco ou nada. De quando em quando uma frase, assim como num quadro o pintor insere às vezes um título. Imaginemos um filme feito para a pintura, e de tal modo feliz na sua construção que quando passa da cena viva para os quadros de Frida não existe nenhum salto, mas uma passagem natural e suave.

Imaginemos assim e estaremos perto de sentir o que é o filme de Paul Leduc e o que ele nos propõe: a usar a imaginação, ao mesmo tempo, para ver o que é a pintura de Frida e o que pode ser o cinema quando liberta o imaginário — o imaginário do realizador e o imaginário do espectador. (José Carlos Avellar)